

## INTRODUÇÃO À HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA DE ROMA

Responsável: **Profa. Dra. Maria Isabel D'Agostino Fleming**  
Museu de Arqueologia e Etnologia / USP

CORNELL, T.J. – *The Beginnings of Rome. Italy and Rome from the Bronze Age to the Punic Wars (c. 1000-264 BC)*. London and New York: Routledge (Routledge History of the Ancient World), 1995. Cap. 3 The Origins of Rome: 57-73.

### 3 AS ORIGENS DE ROMA

#### 3. A tradição antiga

A maioria das antigas fontes concorda em que a cidade de Roma foi fundada por Rômulo, um membro da casa real de Alba Longa, uma cidade mítica nas Colinas Albanas. Ele e seu irmão gêmeo Remo eram filhos de Rea Sílvia, filha do rei Numitor. Numitor foi deposto por seu irmão Amúlio, que fez de Rea uma vestal num esforço para impedir a emergência de rivais que reclamassem seu trono. Quando ela, não obstante, engravidou e deu à luz dois meninos gêmeos, Amúlio ordenou que fossem afogados no Tibre. Contudo, os meninos foram levados pelas águas para a margem, aos pés do Palatino, onde foram amamentados por uma loba e, subsequentemente, recolhidos por pastores.

Crescendo, tornaram-se líderes de um bando de pastores guerreiros e, por um tempo, levaram uma vida de brigantes. Ao descobrirem suas verdadeiras identidades, atacaram Alba, derrubaram o perverso Amúlio e restauraram no trono, seu avô. A seguir, decidiram liderar uma colônia de Alba, e fundar uma cidade no local onde tinham sido recolhidos. Assim Roma foi estabelecida, tomando seu nome de Rômulo, que se tornou o fundador e primeiro governante, depois de matar o irmão por uma questiúncula.

Estes elementos formam o esqueleto de uma história à qual uma riqueza de detalhes são acrescentados de acordo com os relatos que sobreviveram ao tempo. Existe uma considerável unanimidade no que tange a estrutura geral, mas as fontes relatam infundáveis disputas em questões de detalhe. Estamos de posse de um texto inteiramente dedicado a curiosas e obscuras variantes da história tradicional. Conhecido como o *Origo gentis Romanae* (*A origem da raça romana*) e atribuído ao historiador do período imperial tardio Aurélio Victor, ele provavelmente baseou-se em um trabalho de antiquariado da era de Augusto, que, por sua vez, tinha compilado as mais ou menos bizarras deduções e especulações dos eruditos do primeiro e segundo séculos a.C.

A controvérsia centrava-se sobre temas como a paternidade dos gêmeos. Na maioria dos relatos, seu pai era o deus Marte; mas outras versões também circulavam, a mais interessante das quais asseverava que sua mãe tinha engravidado por ação de uma fagulha da lareira – um tema que tem muitos paralelos no mito itálico. Outro ponto em questão era a história da loba, que alguns historiadores racionalizaram, sugerindo que a madrastra dos gêmeos fosse uma prostituta local, uma vez que a palavra latina *lupa* era também uma gíria significando ‘puta’. Havia discussões sobre a data da fundação (ver abaixo), e sobre as circunstâncias da morte de Remo. Em algumas versões o assassino era o próprio Rômulo, em outras, um de seus companheiros; e um certo Egnácio, um escritor citado na *Origo gentis Romanae*, chegou a sugerir que Remo nem mesmo fora assassinado.

O episódio de Rômulo e Remo era, ele mesmo, parte de uma história mais ampla. É um famoso paradoxo que a história romana começa muito tempo antes de Rômulo. Os gêmeos descendiam, por parte de mãe, de uma longa linhagem de reis de Alba, até chegar a Enéias, o troiano, que desposara a filha de Latino, rei dos Aborígenes, e cujo filho, Ascânio (ou Iulo), fundara Alba Longa e dera seu nome à dinastia Juliana. Na versão elaborada, a lenda de Enéias foi integrada com a história do assentamento no local de Roma estabelecido por Evandro, um arcádio que migrara para a Itália antes da Guerra de Tróia e estava firmemente estabelecido no Palatino quando Enéias chegou. E este não é o fim do caso; outras personagens míticas, como Fauno, Saturno e Hércules, participam da história pré-romuleana de Roma, e em algumas versões teriam estabelecido assentamentos ali.

Da mesma forma como o resgate dos gêmeos não foi o início da história, a morte de Remo não foi o seu fim. O ato de fundar a cidade foi um processo complexo, e teve uma longa sequência. Qualquer que tenha sido o destino do assentamento de Evandro (que não é esclarecido pelas fontes), o local estava deserto ao tempo de Rômulo, que teve de varrer uma grande área, para achar colonizadores para a nova cidade. Ele criou um abrigo no Capitólio, e fugitivos de todos os tipos – miseráveis, endividados, criminosos e escravos fugidos – eram bem-vindos. Como a maioria deles era formada por homens sem mulher, organizou-se o rapto das mulheres sabinas, para que tivessem esposas. Uma guerra com os sabinos seguiu-se, mas terminou em um acordo entre os dois povos, que se fundiram em uma só comunidade, sob o governo conjunto de seus respectivos líderes, Rômulo e Tito Tácio. Depois da morte de Tácio (em circunstâncias obscuras; Rômulo não escapou às suspeitas), Rômulo governou só por muitos anos, bem sucedido na guerra e na paz.

Seu reinado terminou misteriosamente. As fontes dão duas versões do que aconteceu: a versão pia, em que ele foi levado ao céu, tornando-se um deus (e adorado sob o nome de Quirino), e a versão cínica, em que ele foi assassinado em uma reunião do Senado, cada senador levando consigo uma parte de seu corpo desmembrado. Como se pode imaginar, no tempo de César e Augusto essa discrepância era discutida com entusiasmo, e o interesse nela era mais do que acadêmico.

Um aspecto marcante da tradição é que a fundação da cidade não é apresentada como um ato singular, mas como um processo lento e gradual. Neste sentido há um contraste entre as lendas de fundações dos gregos e a concepção romana da origem da cidade. Roma não foi criada de uma vez por Rômulo; ao contrário, ele meramente iniciou um longo processo de formação. Os romanos acreditavam que o estado (*res publica*) fora o resultado deste processo gradual, ao qual cada um dos reis contribuiu (Cícero, *Rep.* 2.37; Políbio 6.10.14). Catão o Velho argumentou, em sua *Origens* que a constituição de Roma era superior à dos estados gregos precisamente porque era o produto da sabedoria coletiva das gerações passadas, e não o trabalho de um único indivíduo (Cic., *Rep.* 2.3). Da mesma forma, o crescimento físico da cidade, desde o modesto assentamento de Rômulo no Palatino, também foi um processo gradual, cada rei estendendo a área urbana e contribuindo para o seu desenvolvimento monumental. De acordo com Lívio (2.1.2), cada um dos antigos reis foi, em seu turno, um fundador de parte da cidade: *omnes diinceps conditores partium certe urbis*.

Por outro lado, a tradição historiográfica, que, desde o início, foi influenciada por idéias gregas, assimilou a história a uma lenda de fundação grega (*ktisis*), e apresentou Rômulo nas vestes de um herói fundador, que estabeleceu a cidade toda de uma vez, e começando do nada. O exemplo mais extremo desta tendência ocorre em Dionísio de

Halicarnasso, que, no segundo livro de *Antiguidades Romanas*, credita a Rômulo a criação de uma “constituição” completa e de um assentamento urbano monumental.

Esta contradição não pode ser resolvida facilmente. Não é uma simples questão de fontes individuais apresentando diferentes pontos de vista (embora Dionísio de Halicarnasso possa ser excluído). Em quase todas as narrativas remanescentes podemos detectar a presença de duas tendências contrastantes. De uma parte achamos uma tendência modernizante, que supõe ter havido pouca diferença entre o mundo social da Roma primitiva e aquele da República tardia. Segundo esta visão, Enéias, Evandro, Rômulo e Numa habitaram um mundo de cidades-estados urbanizadas com instituições políticas, militares e religiosas completamente desenvolvidas. Em aparência física, as cidades do Lácio, mesmo no tempo da Guerra de Tróia, eram exatamente como as da era helenística, com muros, ruas, mercados, templos e edifícios públicos monumentais.

Esta visão modernizante é equilibrada, contudo, por uma tendência contrastante que imaginava a cidade de Rômulo como um assentamento de pastores rústicos, levando uma vida simples e virtuosa em cabanas primitivas. Esta noção romântica é encontrada essencialmente nos poetas augusteanos, mas não se originou com eles. Desde o segundo século a.C. os escritores romanos acentuavam o contraste entre a simplicidade da Roma primitiva e a elegante e luxuriosa decadência de seu próprio tempo. Os romanos do período clássico podiam visitar e maravilhar-se com uma crua cabana de pastores no Palatino, que era preservada como uma relíquia do mais antigo assentamento e que foi chamada “a casa de Rômulo” (*casa Romuli*: ver Mapa 10, p. 386).

A lenda da fundação de Roma provê evidência, em primeiro lugar, de como os romanos de tempos mais tardios escolheram ver-se, e como queriam ser vistos por outros. A história porta uma mensagem ideológica forte. O sinal mais revelador disto é a maneira como ela define a identidade dos povos romanos como uma mistura de diferentes grupos étnicos, e da cultura romana como o produto de várias influências estrangeiras. Não pode haver maior contraste com os mitos de fundação das cidades gregas, que insistiam na pureza e continuidade de suas origens (em alguns casos, como em Atenas, sustentando que a população era “autóctone” – ou seja, tinha brotado do solo). Em sua tentativa de provar que os romanos eram da mais pura linhagem grega, Dionísio de Halicarnasso enfrentava uma tarefa impossível.

A saga romana foi característica de um povo que construía sua potência estendendo sua cidadania e continuamente admitindo novos elementos em seu interior. Deste ponto de vista podemos apreciar o poderoso apelo da Eneida, um poema épico que, até em nossos dias, conserva um significado especial para migrantes e refugiados. Roma foi também única entre as antigas sociedades em sua prática de assimilar escravos libertos, que automaticamente se tornavam cidadãos romanos por manumissão.<sup>1</sup> Pelo final da República, muitos dos mais aristocráticos romanos tinham sangue escravo nas veias, e uma grande proporção da população da cidade consistia de escravos ou libertos. Nestas circunstâncias, pode-se bem compreender por que os romanos não se envergonhavam de admitir que os seguidores de Rômulo incluíam fugitivos e exilados de todas as terras – embora isto fosse um aspecto da história que embaraçasse o pobre Dionísio de Halicarnasso (cujas restrições a respeito da prática generalizada da manumissão na Roma de seu dia (4.24.4-6) são altamente instrutivas).

---

<sup>1</sup> Manumissão ou alforria, ato de libertação de escravos.

#### 4. A origem das lendas: Rômulo e Remo

A origem variada e de má reputação de alguns de seus primeiros habitantes é apenas um dos elementos ‘vergonhosos’ na história de Rômulo e Remo. A madrasta predadora (ou meretriz!) dos gêmeos, o assassinato de Remo, e o rapto das mulheres sabinas são, dentre essas desabonadoras feições, as mais dignas de nota, e todas foram, em várias ocasiões, exploradas pelos inimigos de Roma e pelos cristãos, críticos de suas tradições pagãs. Estes fatos levaram H. Strasburger a concluir que a história de Rômulo não era uma antiga lenda indígena, mas antes um produto da propaganda anti-Roma, produzida provavelmente na Magna Grécia no tardio quarto século a.C. por alguma vítima ressentida do imperialismo romano.

Esta teoria, embora tenha sido influente, e defendida com habilidade e sutileza por seus adeptos, está claramente errada. Há boas razões para se acreditar que esta história fosse corrente em Roma na idade arcaica. O melhor sinal disto é a magnífica estátua de bronze de uma loba, atualmente no Palazzo dei Conservatori, indubitavelmente arcaica, e que provavelmente data do século sexto a.C. (Figura 3). Sabemos, além disso, que, por volta de 300 a.C., ao mais tardar, a história dos gêmeos tinha se tornado a versão padrão em Roma, e que foi oficialmente proclamada ao mundo em 269 a.C. quando uma representação da loba e dos gêmeos apareceu em uma das primeiras edições de moedas de prata romanas (ver abaixo, Figura 32c, p. 395). Isto não poderia ter acontecido se a história tivesse sido inventada apenas alguns anos antes, por uma propaganda hostil.

Os argumentos aduzidos por Strasbeurger em favor de sua teoria, de fato, apontam à conclusão oposta, isto é, que a história foi aceita em Roma precisamente porque era uma velha lenda indígena, e porque suas características, embora possam ter parecido inadequadas a apologistas de Roma tardios, estavam por demais estabelecidas na tradição para serem ignoradas ou suprimidas. É também claro que a história contém elementos folclóricos que encontram eco nos mitos e lendas de muitas sociedades por todo o mundo. Estas lendas dizem respeito ao nascimento e educação de pessoas que se tornam reis, fundadores, líderes religiosos, heróis ou conquistadores. Exemplos bem conhecidos incluem Ciro da Pérsia, Semíramis, a fundadora da Babilônia, Sargão, o fundador da dinastia Acádia, Ion, o ancestral dos Jônios, os príncipes troianos Paris e Enéias, os heróis gregos Perseu e Édipo, o usurpador Egisto (assassino de Agamenão), Cípselo, o tirano de Corinto, o rei Shapur da Sassânia, e o papa Gregório Magno. Ficará evidente, além disso, que a história da natividade cristã contém muitos dos mesmos elementos míticos.

Um tipo ideal pode ser construído, *grosso modo*, como segue. A criança é concebida em uma união que, de algum modo, é irregular, miraculosa ou vergonhosa: uma princesa e um estrangeiro desconhecido, ou de pessoa de classe inferior (p.ex. Sargão, Cípselo), numa relação incestuosa (Moisés, Gregório), ou, o que é muito comum, entre um mortal e um deus (Semiramis, Ion, Enéias). Em muitos casos o pai é um deus, a mãe uma virgem (Perseu, Jesus, Rômulo e Remo). No estágio seguinte um rei perverso (frequentemente pai da criança, ou seu avô ou tio) ordena a morte da criança, tendo sido alertado por um sonho ou oráculo que a criança o matará ou destronará, um dia (Ciro, Édipo, Perseu, Rômulo, Jesus, Shapur, e o resto – a lista é interminável). O método escolhido usualmente é abandonar a criança numa floresta ou numa montanha (Édipo, Paris, Egisto, Semiramis etc.), embora em muitas histórias a criança seja posta em uma caixa, barco ou cesta e lançada à deriva, no mar ou em um rio (Perseu, Sargão, Cípselo, Rômulo, Moisés, Gregório).

A criança é então salva por um pastor, jardineiro ou pescador, que o cria (Sargão, Rômulo etc.) ou entrega a criança ao seu superior – seja o rei local (Édipo, Perseu), uma princesa (Moisés) ou sacerdote (Gregório). Em muitas dessas histórias a criança achada substitui o bebê natimorto dos pais adotivos. A mais notável característica dessas histórias, contudo, é a intervenção de um animal, que realiza o resgate imediato e algumas vezes até amamenta a criança. Este evento da vida de Rômulo e Remo (loba) foi também experimentado por Ciro (cadela), Semiramis (pombos), Paris (urso), Egisto (cabra), e muitos outros.

Enquanto crescem, essas crianças de destino tendem a exibir sinais de sua grandeza futura por seu comportamento precoce e carisma natural. Tornam-se líderes de seus grupos etários (em algumas histórias, por exemplo, a de Ciro, fazem o papel de um rei, numa brincadeira); sua verdadeira identidade acaba sendo revelada por testes, sinais, cicatrizes ou simplesmente pelo cumprimento da profecia original, o que às vezes acontece por acidente, como quando Édipo mata, sem querer, seu pai. Em muitas histórias há um elemento de rivalidade, violência, ou mesmo assassinato: Ciro espanca o menino que lhe desobedece na brincadeira, Moisés mata o egípcio, e Rômulo mata Remo.

É visível desta breve seleção que os mesmos motivos populares aparecem recorrentemente em histórias de todas as partes do Mediterrâneo e do Médio Oriente, e de todos os períodos da história antiga. Uma explicação difusionista (isto é, que a mesma história, ou histórias, é tomada emprestada pelos gregos de fontes do Oriente Próximo, e pelos romanos dos gregos) é altamente improvável. Confirma-o o fato de que elementos característicos dessas histórias são também encontrados na mitologia popular da Escandinávia, Índia, Ásia Central, e mesmo da África Meridional, Polinésia e América do Sul. Para dar só dois exemplos: Birta-Chino, o fundador da raça turca, foi criado por um lobo, e Tiri, o herói-fundador da tribo dos Yuracarés, do Brasil, foi alimentado por uma onça.

A recorrência dos mesmos motivos em tantos diferentes contextos não pode ser explicada por difusão oral ou literária, ou por herança comum dentro de uma particular família étnica ou linguística. As histórias não são caracteristicamente Indo-Européias ou Semíticas: são manifestamente tanto uma coisa quanto a outra, e muitas mais. Devem, antes, ser vistas como expressões populares de alguma necessidade ou experiência humana universal, ocorrendo independentemente em lugares e tempos remotos um do outro. Tudo sugere, portanto, que a lenda de Rômulo e Remo seja tanto antiga quanto indígena.

Como confirmação, podemos notar, de passagem, que histórias semelhantes, envolvendo concepção miraculosa, exposição a ambiente selvagem, salvamento por animais e criação por pastores são associadas a reis e fundadores itálicos, como Silvio de Alba Longa e Ceculo de Preneste. Se possuíssemos o texto completo do *Origines* de Catão, ou os trabalhos de Varrão ou Verrio Flaco, deveríamos ser capazes de dizer mais sobre essas lendas locais. Com o que temos, somos reduzidos a tentadoras sugestões encontradas em fragmentos de textos e monumentos, como as estelas etruscas do quarto século, em Bolonha, mostrando uma criança sendo amamentada por um animal (provavelmente uma leoa), e cenas semelhantes em um espelho de bronze de Bolsena (Figura 4), e no pé de uma cista de Preneste.

## 5. A origem das lendas: Enéias e os troianos

Na tradição recebida, a história de Rômulo foi combinada com a de Enéias. Ninguém duvida de que isto represente uma síntese artificial de duas lendas originalmente separadas, mas se discute sobre quando e como a síntese ocorreu. Se Rômulo era já reconhecido como o fundador de Roma no período arcaico, pareceria seguir que Enéias foi uma adição relativamente tardia. Mas as coisas são mais complicadas do que isto, e há boas razões para se pensar que Enéias também foi reconhecido em Roma e no Lácio em uma data antiga.

A lenda de Enéias era de origem grega, com suas raízes no épico. Na *Ilíada* Enéias é uma figura proeminente, embora não muito inspiradora, pertencente a um ramo menor da casa real de Tróia. Sua importância vem do fato de que foi o único dos grandes heróis troianos a sobreviver ao saque. Uma famosa passagem na *Ilíada* profetiza que ele e seus descendentes governarão os troianos, um dia. Mas, não havendo nenhum traço de qualquer plausível dinastia de Eneíadas governando Tróia em tempos históricos, os gregos especularam que Enéias tinha se afastado de Tróia e estabelecido sua dinastia em algum outro lugar.

Nomes sugestivos de lugares, orgulho local e a imaginação fértil dos poetas e antiquários fizeram o resto. Já no sexto século a.C., um lugar chamado Eneia, na Macedônia, cunhava moedas que mostravam Enéias carregando seu pai, Anquises, para fora das ruínas de Tróia. É possível também que naquela época a nova Tróia estivesse já sendo procurada no Extremo Ocidente. Esta idéia pode ter sido feita popular pelo poeta siciliota Estesícoro, em cerca de 550 a.C., embora o suporte para isto esteja longe de ser seguro; mas a história da migração para o Ocidente dos refugiados de Tróia estava certamente bem estabelecida no quinto século, tendo sido relatada por Tucídides (entre outros).

Até quanto se saiba, as mais antigas referências a Roma como fundada por Enéias ocorreram nos trabalhos de Helânico de Lesbos e Damastes de Sigeu, dois historiadores gregos que escreveram no final do século quinto. Não temos idéia do que Roma significasse para estes escritores antigos, mas era provavelmente pouco mais que um nome, para eles. Seu interesse, afinal, não estava em Roma, mas em Atenas. Foi somente mais tarde, provavelmente por volta do fim do quarto século e quando Roma, pela primeira vez, começou a ter negociações políticas com os gregos, que escritores gregos começaram a notar, com seriedade, Roma, em si mesma. Por essa época a conexão entre Roma e Atenas estava bem estabelecida.

Como vimos, a história de Enéias foi uma daquelas lendas helenocêntricas de origem literária que foi adotada como parte da tradição nativa pelos povos aos quais os gregos as insinuaram. O fato em si não é difícil de explicar. Em geral, não é surpreendente que os romanos abraçavam de bom grado uma história que fazia bem ao seu orgulho, associando-os às legendárias tradições dos gregos, cuja superioridade cultural eram forçados a reconhecer – embora, às vezes, a contragosto. Mais especificamente, no mito grego Enéias possuía qualidades que os romanos gostariam de ver neles próprios, tais como a reverência aos deuses e o amor da pátria.

A lenda de Tróia era também útil aos romanos uma vez que lhes dava uma identidade respeitável aos olhos de um mundo maior, e que podia ser usada com vantagem em seus negócios com os gregos: a utilidade política da lenda se manifestou pela primeira

vez em 236 a.C., durante a guerra contra Cartago, quando a população da cidade siciliota de Segesta aliou-se aos romanos por causa de sua descendência comum dos troianos. A propaganda “Troiana” tornou-se especialmente importante no começo do segundo século a.C., quando Roma começou a intervir nos assuntos da Ásia Menor. Talvez tenha sido nesta época, e por razões políticas claras, que as pretensões dos romanos por uma origem troiana foram seriamente contestadas.

Finalmente, devemos notar que, pretendendo ser troianos, os romanos estavam dizendo que não eram gregos, e, em certo sentido, definindo-se em oposição aos gregos. Mas um dos mais interessantes aspectos da lenda de Enéias é que, embora fosse primeiramente usada para ressaltar a inimizade entre gregos e romanos, nas mãos de Virgílio e outros escritores do primeiro século a.C. tornou-se um meio de reconciliação, e de fazer a dominação de Roma aceitável ao mundo grego.

A lenda de Enéias é, portanto, uma parte importante da história complexa das relações políticas e culturais entre Roma e os gregos, e, como vimos, o que a fez importante foi sua aceitação pelos próprios romanos. Quando isto aconteceu, é tema controverso. Uma escola sustenta que os romanos reclamaram pela primeira vez a conexão de sua origem com a lenda troiana quando isto se tornou politicamente útil para eles – a saber, no fim do quarto ou no começo do terceiro século a.C. J. Perret sugeriu que a conexão entre Roma e Tróia foi criada do nada pelo rei Pirro do Épiro, quando invadiu a Itália em 280 a.C. Pirro afirmava-se descendente de Aquiles, e desejava apresentar o seu ataque a Roma como uma nova Guerra de Tróia. Ora, Pirro certamente não inventou a conexão entre Roma e Tróia; pode ser dito com convicção que Perret não foi bem sucedido em sua tentativa de marginalizar as provas de textos mais antigos, como o fragmento de Helânico. Mas permanece a possibilidade de que tenha sido Pirro quem, primeiro, fez com que os romanos se acreditassem troianos.

Mas esta data tardia não é largamente aceita nos dias de hoje, e a maioria dos eruditos prefere pensar que a lenda de Enéias estivesse já estabelecida na Itália central muito antes – talvez no sexto século a.C., ou mesmo antes. Sob este ponto de vista, escritores gregos antigos, como Helânico, foram influenciados, ainda que indiretamente, pela tradição local, e não o contrário. A teoria tornou-se atraente porque achados arqueológicos recentes vêm, cada vez mais firmemente, demonstrando que os nativos da Itália central foram fortemente influenciados pela cultura grega no período arcaico – um tema ao qual retornaremos repetidamente, no decorrer deste livro.

A história de Enéias e dos troianos era bem conhecida na Etrúria no sexto século. Representações de Enéias foram achadas em sítios etruscos, não apenas em vasos gregos importados, mas também em objetos de manufatura local, em particular em uma ânfora de figuras vermelhas, presentemente em Munique, e em um escaravelho pertencente à coleção de Luynes em Paris, ambos mostrando Enéias carregando Anquises. Algumas estatuetas pequenas de terracota de Enéias e Anquises, de um santuário em Veios implicam num culto de herói, mas a data desses objetos está longe de ser bem conhecida; os especialistas estão agora inclinados a situá-las no quarto século a.C. ou mais tarde – isto é, após a conquista romana de Veios em 396 a.C. Retirando-se este indício, não há razão para supor que Enéias tenha sido objeto de culto de herói na Etrúria arcaica, e menos ainda de que fosse visto como um ancestral ou fundador. Podemos apenas dizer que ele era uma figura mítica conhecida e estimada.

No que concerne a Roma e ao Lácio, é algumas vezes sugerido que a lenda de Enéias estabeleceu-se ali por intermediação etrusca, tendo primeiro se enraizado durante

um período de domínio etrusco no sexto século (ver abaixo). Mas esta não é uma teoria muito persuasiva, já que está longe de estar comprovado que Roma foi dominada pelos etruscos no sexto século; é também desnecessária, pois as mais recentes pesquisas arqueológicas forneceram muitos indícios de contato direto entre o Lácio e o mundo grego, na idade arcaica.

O sítio mais importante, no tocante a este assunto, é Lavínio (modernamente, Pratica di Mare), que, em tempos históricos, pretendia ter Enéias como seu fundador. Lavínio era famosa como um centro religioso e local de peregrinação para os povos latinos, incluindo os romanos. O culto dos deuses ancestrais do povo romano, os Penates, estava localizado ali, e mesmo no tempo dos imperadores os principais sacerdotes e magistrados romanos eram obrigados a assistir em pessoa as celebrações anuais do culto. Os Penates foram, em um estágio, identificados como os misteriosos objetos sagrados que Enéias tinha resgatado de Tróia, e que desempenham um papel tão importante na lenda que se desenvolveu (ver, p. ex. Virgílio, *Eneida* 2.293,717; 3.12,148-9). A idéia de que Lavínio conservava os Penates troianos já era corrente por volta de 300 a.C., podendo ser muito mais antiga. O santuário dos Penates pode talvez ser identificado como o “santuário dos treze altares” (Figura 5) que foi descoberto numa brilhante campanha de escavações pela Universidade de Roma nas décadas de 1950 e 1960 (ver mais, abaixo, p.109). O santuário remonta ao período arcaico e mostra pesada influência grega no desenho arquitetônico e na ideologia religiosa.

Uma das descobertas mais surpreendentes foi uma oferenda do sexto século a Castor e Polux (ILLRP 1271a), um culto grego que, de acordo com a tradição, foi adotado em Roma no início do quinto século e honrado com um templo em 484 a.C. A inscrição de Lavínio dá um apoio poderoso a esta tradição, que foi adicionalmente fortalecida em 1982 quando escavações no Fórum revelaram maciças fundações arcaicas sob o templo de Castor. Por outro lado, a sugestão de que os Dióscuros fossem identificados de alguma forma com os Penates permanece controversa.

O próprio Enéias era também adorado em Lavínio com o estranho nome de ‘*Pater Indiges*’ ou ‘*Indiges*’. Isto deve implicar numa elaboração secundária de um culto pré-existente – isto é, Enéias foi, em algum estágio, equacionado a um deus local chamado Indiges. O santuário de Enéias ou Indiges tomou a forma de um túmulo às margens do rio Numicus; foi visitado por Dionísio de Halicarnasso no primeiro século a.C. e descrito por ele em detalhe (1.64). Escavações recentes em Pratica di Mare revelaram um monumento que tem sido identificado com o santuário de herói descrito por Dionísio. É uma rica tumba do sétimo século a.C. sobre a qual se ergueu uma construção sacra do quarto século. Mas, mesmo que esta identificação seja correta (o que parece dúbio, nem que seja pelo fato de o túmulo não se achar à margem de um rio) não teríamos condições de dizer com certeza quando o culto de Indiges original, e certamente muito antigo, veio a ser associado ao de Enéias. Outros indícios que dizem respeito a Enéias em Lavínio são igualmente inconclusivos, e, como estão as coisas, não temos certeza de que a lenda de Tróia tenha sido estabelecida ali antes do quarto século a.C.

Permanece provável, entretanto, que Lavínio foi uma das primeiras cidades a reclamar uma origem troiana. O fato de que os cultos de Enéias e dos Penates continuaram a ser celebrados em Lavínio mesmo em tempos romanos sugere que Enéias esteve ligado a Lavínio antes de sua ligação com Roma, e que esta ligação já estava estabelecida quando Lavínio se submeteu ao domínio romano após a guerra latina de 340-338 a.C. Presentemente, o material de que dispomos não nos permite ser mais precisos do que isso;

mas, em vista do que é conhecido agora sobre a helenização da cultura latina no período arcaico, não seria surpreendente se os arqueólogos viessem a cruzar com uma prova definitiva de um culto a Enéias em Lavínio no sexto século.

## 6. A origem das lendas: Evandro e Hércules

É razoável supor, então, que Enéias (provavelmente) e Rômulo (certamente) eram conhecidos em Roma antes do fim do sexto século a.C., e que uma lenda de fundação composta, envolvendo ambos, tinha já começado a circular. As credenciais de outras partes da história, por exemplo, a que diz respeito a Evandro, são muito menos seguras. Não temos idéia de quando ou por quem a história de Evandro foi inventada, embora estivesse presente em todas as histórias mais antigas de Roma. Especialistas modernos acreditam que Evandro, um obscuro herói da Arcádia que aparece de passagem em Hesíodo, foi introduzido na história romana no quarto século tardio, ou terceiro século a.C. Por essa época, Roma tinha se estabelecido como uma potência militar notada pela qualidade e dimensões de seus recursos humanos. A palavra grega para esta condição era *euandria*, e isto pode ter influenciado a escolha de um herói com o nome *Ευανδρος* (isto é, Evandro). Isto não é tão tolo quanto soa; alguns escritores gregos davam grande importância ao fato de que o nome de Roma em grego significava ‘força’. De acordo com um autor anônimo citado por Plutarco, a cidade foi fundada por pelagosos, que a denominavam Rhoma por causa de seu poderio militar.

O ponto de partida para tudo isto foi a idéia de que havia algo da Arcádia em Roma, o que é provavelmente uma concepção mais antiga. Num estudo pioneiro, J. Bayet sugeriu que a lenda arcádia em Roma surgira da semelhança entre a Lupercália e o culto de Zeus *Likaios*, e a identificação de Fauno com Pan. Esta assimilação pode ter se realizado pela influência dos mercadores gregos que aportaram no Fórum Boário, o porto fluvial aos pés do Palatino. A sugestão de Bayet, de que esta área tenha sido frequentada por negociantes em um período muito remoto, e antes que a cidade de Roma tivesse aparecido, parece ter, agora, apoio arqueológico. Escavações perto da igreja de Sant’Omobono no Fórum Boário, intermitentemente realizadas desde 1930, desenterraram um depósito contendo cacos de cerâmica eubóica, pitecusana, coríntia e cicládica do oitavo século a.C. A quantidade deste material levou alguns arqueólogos a suspeitar que mercadores gregos não apenas visitaram o sítio, mas que alguns deles até mesmo residiram ali.

O mesmo raciocínio pode fornecer uma explicação para o culto romano de Hércules, também estudado por Bayet. De acordo com a lenda, Hércules visitou Roma em seu caminho de volta à Grécia com o gado de Gerião. O gado foi roubado por Caco, um gigante local, que vivia numa caverna próxima ao Palatino. Quando Hércules matou Caco, cultos foram criados em sua honra pela população local, instigados por Evandro. Dois grandes santuários foram erigidos, o Grande Altar (*Ara Maxima*) e o santuário de Hércules Victor, ambos situados no Fórum Boário. O culto a Hércules em Roma foi estreitamente ligado ao comércio, e este fato, unido à localização dos santuários, sugere que tenha sido introduzido por mercadores gregos. Esta foi a visão de Bayet, que também chamou a atenção para versões da história de Hércules-Caco em cidades gregas na Itália meridional.

Uma teoria alternativa, não excluída por Bayet, baseia-se nas estreitas afinidades entre Hércules e o fenício Melqart, e sustenta que o Hércules romano era de origem fenícia. Foi sugerido que o culto tivesse sido introduzido por mercadores da Tíria, que fixaram

residência no Fórum Boário; mas esta interessante sugestão não foi ainda consubstanciada pela arqueologia.

## 7. O valor histórico das lendas

A discussão precedente mostrou que as tradicionais histórias das origens de Roma podem ser explicadas historicamente, e, se tomadas seriamente, podem fornecer valiosa informação sobre o desenvolvimento da Roma original. Mas, a despeito da extrema antiguidade de muitas das histórias, não seria correto dizer que são históricas, no sentido normal da palavra.

Com poucas, marginais, exceções, todos concordam em que a história da fundação de Roma, de Enéias a Rômulo, é legendária e não tem o direito de ser considerada uma narrativa histórica. O nome ‘Rômulo’ é um epônimo formado do nome da cidade, e talvez signifique apenas ‘o romano’ (cf. Siculus=Siciliano); podemos tomar como certo que esta pessoa, “Rômulo”, nunca existiu. Como um personagem da épica grega, Enéias tem, talvez, mais substância; embora ele se sustente, ou tombe, com todo o resto dos heróis homéricos e com a própria saga da Guerra de Tróia. Mas a realidade de Enéias, ainda que chegasse a ser estabelecida, não forneceria uma garantia da veracidade da história da migração de Tróia para a Itália, que é uma questão diferente. E não é preciso dizer que as credenciais de Evandro, Hércules e semelhantes, são virtualmente inexistentes.

Não obstante, muitos historiadores modernos, talvez a maioria, estão inclinados a acreditar que pelo menos algumas dessas lendas ‘reflitam’ ou ‘ecoem’ verdadeiros eventos históricos. O principal argumento é o de que não pode haver fumaça sem fogo, e que as lendas pareciam ser, de alguma forma, ‘baseadas em fatos’. Não é preciso dizer que isto é uma suposição ingênua, e que a prática de racionalizar histórias, eliminando elementos miraculosos e óbvios exageros, com o fim de revelar o núcleo factual, é um método histórico pobre. Como é, também, o hábito grosseiro de denunciar qualquer um que expresse dúvidas como ‘hipercrítico’ ou como uma reencarnação de Ettore Pais.

Estes pontos elementares foram vigorosamente afirmados em um livro recente de J. Poucet. Poucet ataca incansavelmente a abordagem ‘historicizante’ ortodoxa, e argumenta, em vez, que todo o edifício é construído de material não-histórico (‘Matière non-historique’). Em particular, ele põe em cheque a crença, largamente difundida, de que as descobertas arqueológicas e os estudos linguísticos tenham fornecido confirmações independentes de partes da tradição.

Por exemplo, cacos de cerâmica dos Apeninos de um depósito secundário no Fórum Boário não podem ser considerados como uma confirmação da lenda de Evandro, ou de qualquer parte da história da Roma pré-Rômulo. Assim como não o podem pretensos empréstimos “micênicos” na língua latina, mesmo supondo que tais empréstimos existam (o que parece dúbio). Uma sugestão mais séria é que a arqueologia, até certo ponto, confirmou o papel proeminente desempenhado por Alba e Lavínio na história da fundação romana. É verdade que os sítios mais importantes que forneceram material das primeiras fases da cultura lacial incluem Pratica di Mare (Lavínio) e lugares nas Colinas Albanas; por outro lado, eles também incluem Roma, que, com as evidências presentes, não se pode demonstrar ser um assentamento posterior. A tradição, contudo, mantém que todas as cidades do Lácio eram colônias de Alba Longa, e que Roma foi a última delas; mas, neste ponto, a tradição é negada pelos fatos.

A estranha idéia de que Lavínio e Alba fossem muito mais antigas do que Roma surgiu, provavelmente, de uma dificuldade cronológica. Como elas foram fundadas por Enéias e Ascânio, tinham de ser datadas como tendo aparecido logo depois da Guerra de Tróia, que, de acordo com os cálculos dos especialistas gregos, teve lugar em 1200 a.C. Mas os romanos tinham suas próprias razões para localizar Rômulo no oitavo século. A consequência é que Rômulo não podia ser o filho ou neto de Enéias, como algumas versões precoces sustentavam. Os historiadores que reconheceram essa dificuldade não tinham, portanto, alternativa senão supor um longo intervalo entre Enéias e Rômulo, um intervalo que foi preenchido pela dinastia dos reis albanos.

A tradição que dizia que as cidades do Lácio eram colônias de Alba contém uma falácia “modernizante” e não pode ser historicamente verdadeira em sentido literal. O mesmo se aplica à idéia de que Alba exerceu uma hegemonia política no Lácio, antes de sua destruição por Tulo Hostílio. As indicações arqueológicas, como vimos, mostram a presença, nos Montes Albanos, de pequenos grupos de assentamentos urbanos nas fases iniciais da cultura lacial (períodos I e IIA – a fase ‘pré-urbana’). Em fases subsequentes esses assentamentos não se desenvolveram da mesma forma que outros, e foram eclipsados em importância pelas comunidades proto-urbanas da planície (ver acima, p.55).

É possível que a tradição represente uma memória vaga dessa mudança, que distorceu e modernizou com o seu discurso de colonização e hegemonia política, e sua hipótese de que ‘Alba-Longa’ fosse uma cidade-estado urbanizada. É possível, mas não muito provável. Deve-se notar que, colocando o assunto desta forma, não estamos usando a evidência arqueológica para confirmar a tradição, mas usando a tradição para interpretar uma evidência arqueológica muito enigmática. Da mesma forma não podemos aceitar a sugestão de alguns eruditos de que a evidência arqueológica confirma a história da destruição de Alba-Longa por Tulo Hostílio. O ‘eclipse’ (mas não necessariamente o desaparecimento) das aldeias albanas no início do oitavo século a.C. pode ser ‘refletido’ na história do saque de uma cidade no meio do sétimo século, mas isto me parece improvável. Em qualquer caso, é fora de questão que exista confirmação arqueológica, como Poucet acuradamente observou.

É mais provável que a proeminência de Alba e Lavínio na tradição provenha de sua importância histórica como centros religiosos. O festival nacional dos povos latinos tinha lugar todo ano no Monte Cavo (*Mons Albanus*), o ponto culminante das Colinas Albanas. O festival, conhecido como *Latiar* ou *Feriae Latinae*, era feito em honra a *Jupiter Latiaris*, que foi identificado na lenda com Latino, o epônimo ancestral dos latinos (Festo p. 212 L). Semelhantemente, Lavínio hospedava representantes dos povos latinos nas celebrações anuais do culto a Enéias e aos Penates, e por esta razão pretendeu ser a primeira cidade do Lácio, e a metrópole de Roma.

Como seria de se esperar, havia rivalidade entre os dois santuários. Esta competição é manifesta na história de que as estátuas dos Penates foram removidas de Lavínio para Alba Longa, mas retornaram miraculosamente ao lugar de origem (Varrão, LL V.144). Havia também disputa a propósito da história miraculosa de uma porca que pariu trinta porquinhos, simbolizando os trinta povos dos antigos latinos. De acordo com uma versão, a porca levou Enéias até Lavínio, onde uma estátua de bronze dela e de seus filhotes podia ainda ser vista nos tempos de Varrão. Mas, de acordo com Fábio Pictor, a porca conduziu o fundador a Alba Longa, que tomou o seu nome da cor da porca (*alba*=branca).

Em tempos históricos, as Colinas Albanas, incluindo o santuário do *Latiar*, no Monte Cavo, eram parte do território de Roma. A conquista desta região teve lugar,

indubitavelmente, na monarquia, e não há razão, em princípio, para negar que o rei que a organizou tenha sido Tulo Hostílio. Onde a tradição errou foi ao supor que a predominância religiosa do *Latiar* surgisse de uma hegemonia política exercida por Alba sobre suas colônias, e que, depois da vitória de Tulo Hostílio, essa hegemonia passara automaticamente para Roma. Os três elementos centrais da lenda – colonização, hegemonia política e a própria cidade de Alba Longa – são anacronismos modernos e não podem ser considerados históricos.

Um ponto em relação ao qual se diz haver substancial acordo entre a tradição e as provas arqueológicas é a fundação do assentamento de Rômulo no Palatino, datado pelos próprios romanos na metade do oitavo século a.C. A descoberta no Germalus (um dos cumes do Palatino) de cabanas da idade do ferro datando da fase III da cultura lacial já foi tida como confirmação da tradição, neste caso. Mas agora sabemos que a ocupação permanente do sítio começou muito antes, e que as fundações da cabana não são os primeiros indícios de ocupação, mesmo sobre o próprio Palatino, onde material da fase I foi encontrado em um depósito abaixo das cabanas, e um sepultamento com cremação da fase I, isolado, foi descoberto sob a Casa de Lívia, entre o Germalus e o Palatium. Este material, juntamente com os sepultamentos da fase I no Fórum, indica que o sítio foi habitado desde cerca de 1000 a.C.

A descoberta recente de um muro do oitavo século nas encostas a nordeste do Palatino recebeu muita publicidade na imprensa, mas os detalhes da descoberta não foram, até agora, publicados. É, portanto, cedo demais para comentar sobre o significado dos achados, exceto para dizer que qualquer sugestão de uma conexão com a história da fundação deve enfrentar as objeções levantadas no parágrafo precedente. Em qualquer caso, não se sabe por que razão os romanos escolheram a data da fundação na metade do oitavo século, e há uma forte suspeita de que a escolha tenha sido arbitrária.

Parece claro que as várias datas dadas por historiadores para a fundação (Fábio Pictor a coloca em 748 a.C, Cincio em 728, Catão em 751 e Varrão em 754) estão ligadas a estimativas da duração do período real como um todo, e a cálculos da data do início da República, que podia ser estabelecido (dentro de limites razoáveis) com o auxílio dos *Fasti*. Mais provavelmente, a data foi fixada simplesmente contando para trás várias gerações de trinta e cinco anos: assim,  $509 + (7 \times 35)$  dá a data Varroniana de 754. Outras explicações são possíveis, mas qualquer que seja o método preciso, parece provável que a data da fundação tenha sido fixada por algum tipo de cálculo mecânico.

A arqueologia foi também invocada em apoio à tradição de que o Palatino foi o núcleo original da cidade. Mas as coisas não são tão simples. Material antigo foi encontrado no Palatino, como vimos, mas também em outras partes da cidade. A estratigrafia do cemitério do Fórum (que vai do Palatino até o Esquilino) é interessante, mas não decisiva. E se deve ter sempre em mente que outras áreas da cidade, tais como o Célio ou o Aventino, não foram exploradas pelos arqueólogos com o detalhe que o Palatino foi. A evidência arqueológica, então, em si mesma, não conta uma história muito clara.

Contudo, há boas razões para se pensar que, neste caso, a tradição é perfeitamente sã. Além da probabilidade geral – o Palatino é, afinal, um sítio de primeira para um assentamento – podemos usar a evidência da Lupercália. Este antigo festival, em que jovens nus chamados *luperci* correm em torno do Palatino, é interpretado principalmente como uma cerimônia de purificação que, originalmente, se dava em torno da totalidade da comunidade. A evidência arqueológica é, portanto, consistente com a tradição, mas não é, por si mesma, adequada para confirmá-la. Uma vez mais é a tradição que nos ajuda a interpretar a evidência arqueológica, e não o contrário.